

## **ESTUDO DE CASO DOS INDICADORES ECONOMICOS-FINANCEIROS PARA GESTÃO DE MICRO EMPRESA**

Nilda dos Santos<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta um estudo da situação econômica financeira de uma micro empresa através da utilização de índices de Liquidez, Endividamento e Rentabilidade, o qual tem o objetivo de analisar e extrair tendências para compará-los com padrões pré estabelecidos. O estudo de caso se deu por meio de coleta de dados através das demonstrações contábeis nos anos de 2011, 2010 e 2009 e pesquisa bibliográfica. Os indicadores revelados nas demonstrações foram comparados com tabela da mediana do setor de confecções e por empresas do mesmo setor através de dados disponibilizados pela revista Exame Melhores e Maiores (2012). Do estudo conclui-se que a empresa não está sendo rentável, apresentando mau gerenciamento nos custos e com preponderância para endividamento.

**Palavras-Chave:** Liquidez, Endividamento, Rentabilidade

### **ABSTRACT**

This paper presents a study of the economic and financial situation in a company in the clothing sector through the use of liquidity ratios, indebtedness and profitability, which aims to analyze and extract trends to compare them with pre-established standards. The case study was accomplished through data collection through the financial statements in the years 2011, 2010 and 2009 and literature. The indicators disclosed in the statements were compared with a median of the table of the clothing industry and for companies in the same industry through data provided by Exame magazine Biggest and Best (2012). The study concluded that the company is not being profitable, with mismanagement costs and preponderance for debt.

**Keywords:** Liquidity, Debt, Profitability

## **1 INTRODUÇÃO**

O objetivo deste trabalho é expor a importância da análise das demonstrações contábeis como instrumento a ser utilizado pelos administradores no estudo da situação econômica financeira das empresas, visando com isso aperfeiçoar os resultados e criar novas situações, proporcionando-lhes um ganho maior. Existem vários métodos de se realizar uma análise e o estudo proposto baseia-se no tripé básico dado pela análise dos indicadores de liquidez, endividamento e rentabilidade.

O estudo sobre a Gestão Financeira é um dos principais fatores determinantes para a continuidade e projeção de uma empresa. Uma organização precisa de recursos humanos e financeiros para realizar as atividades propostas em sua constituição. Desta forma, o gerenciamento do capital é fundamental.

O objeto de análise deste trabalho, é uma microempresa do ramo de confecções, constituída no 3º semestre de 2009. O ciclo operacional da empresa envolve o processamento dos recursos desde a compra de mercadoria ao recebimento das vendas e inclui o prazo de pagamento do fornecedor, comercialização, faturamento e recebimento das vendas. O descompasso entre os ciclos financeiro e operacional demonstra a ausência de planejamento quanto à gestão financeira da empresa.

Um estudo baseado na administração financeira permite que se desenvolva uma visão mais crítica e analítica sobre as finanças da empresa, de forma que se possa construir argumentos e estratégias consolidados para desenvolvimento da mesma. Partindo da análise do tripé de liquidez, rentabilidade e endividamento, pretende-se fazer um *check-up* da gestão financeira da empresa entre os anos 2009 a 2011, com observação do Balanço Patrimonial e a Demonstração do Resultado do Exercício trimestrais a fim de verificar se há sazonalidades na empresa através da comparação entre esses períodos e com padrões pré-estabelecidos apresentados pelo setor de varejo de confecção.

Segundo Marion (2012) o tripé da análise (liquidez, rentabilidade e endividamento) representa o equilíbrio ideal, pois a análise do tripé decisório fornece uma visão clara e objetiva da situação financeiro-econômica, através do qual é possível identificar os pontos fortes e fracos, além de visualizar a evolução da empresa ao longo dos anos.

O trabalho que se apresenta, além de trazer uma discussão teórica sobre alguns índices econômico-financeiros, busca através dos demonstrativos contábeis, expor a importância da análise dos indicadores aos gestores empresariais como suporte ao processo de tomada de decisões.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Administração Financeira e a Contabilidade**

No mercado competitivo, o administrador de empresas depende de ferramentas práticas e confiáveis para tomar suas decisões cotidianas. A área Financeira é essencial para toda organização, pois ela contribui diretamente para a continuidade e projeção de uma empresa, ou mesmo para sua falência nos casos de má gestão.

Na concepção Gitman (2004), a administração financeira nas organizações está relacionada com a teoria econômica, com a contabilidade e com as funções básicas do

**Revista de Administração Dom Alberto, v. 2, n. 2, dez. 2015**

administrador: planejamento, organização, direção e controle financeiro. Com a globalização e as consequentes mudanças no cenário econômico é perceptível o aumento da complexidade e da importância do administrador financeiro.

Uma gestão financeira adequada tem como consequência a captação de recursos financeiros equilibrados para que a empresa mantenha-se no mercado de forma competente e com boas projeções. Sobre o assunto Chiavenato (2005, p. 76) afirma que:

(...) para poder realizar tanto o planejamento financeiro como o controle financeiro, a Administração Financeira (AF) precisa constantemente acompanhar e verificar os efeitos das operações da empresa sobre suas próprias condições financeiras e avaliar se os ativos da empresa estão sendo adequadamente administrados sob o ponto de vista da liquidez, rentabilidade e eficiência operacional.

Toda organização precisa de recursos financeiros para manter suas atividades, o que faz com que muitos administradores passem grande parte do tempo gerindo contas relacionadas ao capital de giro. O mercado tem exigido cada vez mais aperfeiçoamento, determinando que estas empresas adquiram controles econômico-financeiros eficazes. A contabilidade é a grande aliada da administração no auxílio ao processo de gestão e tomada de decisão. Ela surge da necessidade de se mensurar e acompanhar o crescimento patrimonial, sendo uma ciência social por ser afetada pela ação do homem.

Entre os relatórios contábeis temos a demonstração financeira ou demonstração contábil, como os contadores preferem chamar. Dentre as demonstrações financeiras destacam-se aqueles, previstos na lei nº. 6.404/76 e a escrituração contábil de acordo com Lei 11.638/07 para micro e pequenas empresas.

O presente estudo tem como foco a análise do Balanço Patrimonial e do Demonstrativo de Resultado do Exercício por demonstrar a situação financeira e econômica da empresa e por ser estas as demonstrações que fornecem os dados para análise de liquidez, rentabilidade e endividamento. Ressalta-se, entretanto, que todos os relatórios fornecidos pela contabilidade têm sua importância no contexto da gestão financeira dentro de qualquer organização.

De acordo com Marion (2006), um dos principais objetivos da contabilidade “é o de permitir a cada grupo principal de usuários a avaliação da situação econômica e financeira

da entidade, num sentido estático, bem como fazer inferências sobre tendências futuras” (p. 135).

## 2.2 Análise Financeira

Segundo Padoveze apud Silva (2004, p. 103), a análise de demonstrações financeiras é baseada em cálculos matemáticos através da extração de dados fornecidos pelas Demonstrações Contábeis, como Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício, os quais fornecem números que ajudam no “processo de clarificação do entendimento da situação da empresa, em seus aspectos patrimoniais, financeiros e de rentabilidade”. Ainda segundo o autor, a análise desses dados/números “objetiva detectar situações, verificar tendência dos acontecimentos para que a companhia enfatize esforços corretivos nas direções necessárias” (PADOVEZE apud SILVA, 2004, p. 103).

Existem várias técnicas de análise partindo das demonstrações elaboradas pela contabilidade como, por exemplo, a análise horizontal e vertical, taxa de retorno sobre o investimento, quocientes de rotatividade, de alavancagem financeira, além dos que serão utilizados neste trabalho que são: liquidez, endividamento e rentabilidade. Objetivando analisar a gestão financeira da empresa, utiliza-se a técnica de análise por meio de indicadores que envolvem métodos de cálculos matemáticos e interpretação dos quocientes/índices obtidos. Iudícibus (2009, p. 132) afirma que “os quocientes (índices) são tidos como melhores instrumentos para avaliar a saúde das empresas”. Com a análise das Demonstrações Contábeis, pode se detectar dois pontos importantes: a situação financeira que é medida pelos índices de liquidez e de endividamento e a situação econômica que é visualizada através de índices de rentabilidade. Por meio deste diagnóstico é possível identificar pontos fortes e fracos, bem como comparar esses resultados com a evolução durante os anos ou mesmo com dados apresentados pelo mesmo setor.

Qualquer análise de balanço de determinada empresa deve ser comparada com dados históricos dela, com padrões previamente estabelecidos pela gerência, com quocientes análogos de empresas pertencentes ao mesmo ramo de atividade, bem como com dados e informações do setor em que opera. Deve ainda contrastar seus indicadores com outros de interesse regional, nacional ou mesmo internacional (MASIERO, 2009, p. 332).

Para um estudo introdutório, uma análise baseada no tripé de decisões da empresa

**Revista de Administração Dom Alberto, v. 2, n. 2, dez. 2015**

(liquidez, endividamento e rentabilidade) e observando as peculiaridades do setor, pode fornecer instrumentos para uma melhor gestão. De acordo com Marion (2006, p. 15) “só teremos condições de conhecer a situação econômico-financeira de uma empresa por meio das três pontes fundamentais de análise: Liquidez (Situação Financeira), Rentabilidade (Situação Econômica) e Endividamento (Estrutura de Capital)”.

### **2.3 Análise Horizontal**

Segundo Masiero (2009), a análise horizontal tem como finalidade principal assinalar o crescimento de itens do balanço e das demonstrações de resultado em diferentes períodos, buscando com isso caracterizar tendências dentro da organização.

Assim, este tipo de análise é utilizado quando se pretende acompanhar a evolução de determinado item no decorrer do tempo, onde um “item escolhido é comparado através do seu valor em um exercício anual e no exercício anterior (ou exercícios anteriores) para se verificar a percentagem de variação ocorrida nesses exercícios” (Chiavenato, 2005, p. 82). Essa mesma análise também pode ser realizada levando em consideração todos os itens do Balanço Patrimonial.

### **2.4 Análise Vertical**

A análise vertical busca analisar a estrutura de composições de itens do balanço, bem como sua evolução no tempo (MASIERO, 2009), fato que leva a alguns autores tratá-la de análise estrutural. Dessa forma, Iudícibus diz que “a análise vertical dá a ideia da representatividade de determinado item ou subgrupo de uma demonstração financeira relativamente a determinado total ou subtotal tomado como base” (IUDÍCIBUS, 2009, p. 134).

Os procedimentos de análise horizontal e vertical são importantíssimos para se levantar vários fatores que motivam certos comportamentos. É consenso entre autores (CHIAVENATO, 2005; IUDÍCIBUS, 2009; MARION, 2006; MASIERO, 2009) que as análises horizontais e verticais se complementam e se completam, fato que leva os analistas a utilizarem em conjunto.

## **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O universo da pesquisa compreende a análise de demonstrativos contábeis, a saber, Balanço Patrimonial (BP) e Demonstrativo de Resultado do Exercício (DRE) no período que abrange o segundo semestre de 2009 ao fim do segundo semestre de 2011, sendo a análise realizada com a observação dos dados anuais e trimestrais do período observado, para que se possa identificar se há sazonalidade em determinados períodos.

Os dados foram codificados por meio dos cálculos dos quocientes de liquidez, endividamento e rentabilidade, por meio do qual buscou-se verificar se a empresa apresenta períodos sazonais e extrair tendências para uma melhor gestão. Por isso, os dados extraídos foram apresentados por meio de tabelas que servirão de base para a análise, os quais foram confrontados com a tabela de índices-padrão que constam as medianas de cada setor, atualizado e disponibilizado pela revista Exame “MELHORES E MAIORES”.

Com isso, além de se obter uma visão sobre situação financeiro-econômica da empresa, será possível visualizar seu posicionamento de mercado em relação a outras empresas do mesmo setor.

#### **4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Analisando os dados econômico-financeiros, mediante as informações fornecidas pela empresa e constantes no quadro clínico da empresa, após uma avaliação minuciosa, e considerando o ramo da empresa (comércio de confecções), foi possível constatar que durante o período analisado a empresa teve um comportamento instável, com indicadores próximos ou por vezes abaixo dos índices padrões.

##### **4.1 Indicadores de liquidez**

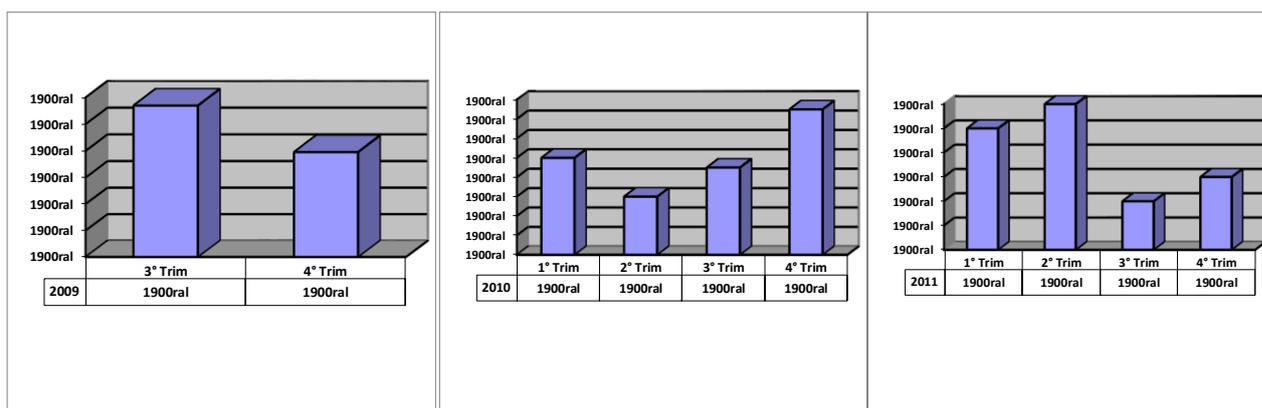
Segundo Gitman (2004, p. 46) “a liquidez de uma empresa é medida por sua capacidade de cumprir as obrigações de curto prazo à medida que vencem”. Ela está diretamente ligada ao caixa, por isso um dos grandes objetivos das organizações é a manutenção de um nível adequado de solvência. Gitman (2004) assegura ainda que “uma liquidez baixa ou declinante é um precursor comum de dificuldades financeiras e falência” (p.46). Dessa forma, quando se pretende analisar a situação financeira no longo prazo o índice mais indicado é o de liquidez geral, medido pela fórmula a seguir.

$$\text{Índice de Liquidez Geral} = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$$

Dos trimestres analisados, nota-se uma oscilação nos períodos, demonstrando assim a instabilidade da empresa frente aos desafios a serem enfrentados. Os índices de liquidez possuem como característica “avaliar a capacidade de pagamento da empresa” (MARION, 2012, p. 75) e parte da premissa de que quanto maior, melhor para a empresa. Os melhores índices foram apresentados no ano de 2009, com Liquidez Geral em 2,85, porém há que se considerar que neste ano a empresa manteve apenas quatro meses de atividade, o que não serve como referência.

No que se refere a Liquidez Geral no ano de 2010, houve uma estabilidade entre os trimestres analisados oscilando entre 1,48 a 1,57, sendo o quarto trimestre o melhor período do ano. O ano de 2011 revela uma situação de liquidez geral menos favorável que a do ano anterior, sendo o segundo trimestre o melhor período, com taxa de Liquidez Geral em 1,25. Porém, a oscilação, existente entre os trimestres analisados são mínimas (0,04) o que permite dizer que há um equilíbrio entre os trimestres e a que a liquidez geral da empresa ainda é favorável como pode ser verificado no gráfico 1:

**Gráfico 1 – Liquidez Geral anos 2009/2010/2011**



O que se observa quanto a Liquidez Geral é uma tendência de queda de um ano para outro, obtendo em 2009 máxima de 2,85, em 2010 máxima de 1,57 e em 2011 maior índice de 1,25, mas ainda assim os saldos são superiores a R\$ 1,00 para cada real de dívida.

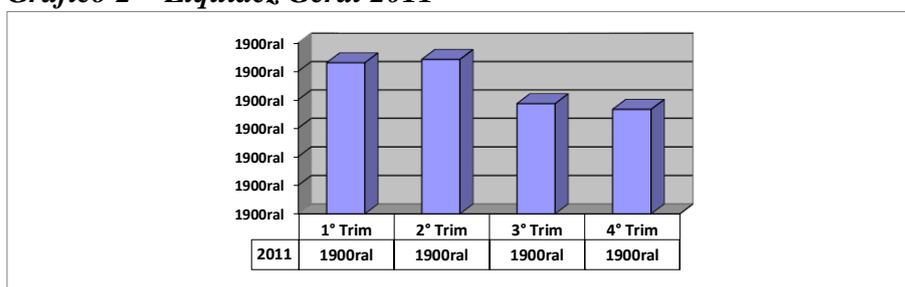
O índice de liquidez corrente é o quociente que indica a situação financeira no curto

prazo. Por meio dele é possível verificar se a organização “apresenta ou não boa saúde financeira, ou seja, se está operando com segurança no curto prazo” (EXAME, 2011, p.282). Ele é calculado por meio da fórmula:

$$\text{Índice de Liquidez Corrente} = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Na observação do Balanço Patrimonial e resultado do cálculo dos indicadores constata-se que os índices de Liquidez Geral e Corrente apresentam os mesmos resultados para os anos de 2009 e 2010. Isso se deve ao fato de que a empresa não possuía recebíveis ou exigíveis a longo prazo neste período. A estratégia de utilização de capital de terceiros a longo prazo resulta numa melhora do ativo circulante, mudando o cenário da liquidez corrente no ano de 2011.

**Gráfico 2 – Liquidez Geral 2011**



No primeiro trimestre de 2011 foi adquirido um financiamento com vencimento a longo prazo o que reduziu o passivo circulante e melhorou a liquidez corrente da empresa, principalmente nos primeiros trimestres do ano.

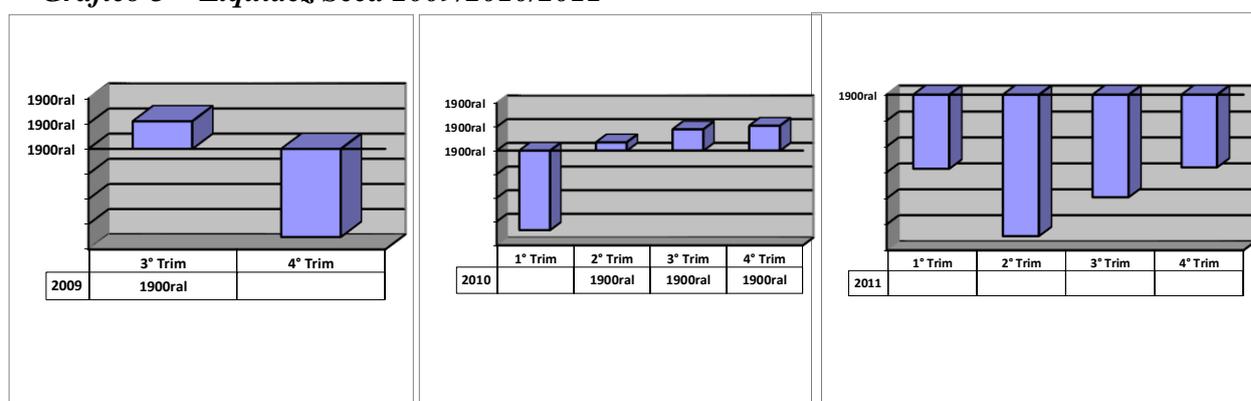
Numa análise isolada, conclui-se que, índices de Liquidez Corrente superiores a 1,0 são positivos. No entanto só é possível dizer que esse resultado realmente é bom após uma análise do ativo circulante, para detectar se o mesmo não é constituído em sua maioria por estoques. Para isso, utiliza-se o índice de Liquidez Seca que possui como diferencial a exclusão da conta estoques, que em alguns casos são ativos com circulante menos líquido.

$$\text{Índice de Liquidez Seca} = \frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}}{\text{Passivo Circulante}}$$

### Passivo Circulante

O cálculo desse índice mostra que a maior parte do ativo circulante da empresa está paralisado no estoque o que implica dizer que faltam disponíveis para quitar as dívidas a curto prazo. O gráfico 3 retrata os resultados obtidos nos anos de 2009/2010/2011 e também revelam a mesma dependência da conta estoques:

**Gráfico 3 – Liquidez Seca 2009/2010/2011**



Com os dados apresentados na Liquidez Seca, pode-se concluir que os índices apresentados não são satisfatórios para o ramo de atividade da empresa, já que índices de liquidez seca baixo ou negativos é indício de que empresa tem alta dependência de venda e recebimento de seus estoques para pagar suas dívidas de curto prazo. Isso significa que, se a empresa paralisasse suas vendas ela não conseguiria saldar suas dívidas.

Na observação da Liquidez Corrente no ano 2011 demonstrado no gráfico 2, os índices apresentados para o período são positivos, no entanto quando se observa a Liquidez Seca do mesmo período (gráfico 3) e se confronta estes resultados, constata-se que o resultado não é bom, já que o “Ativo Circulante é constituído basicamente de Estoque, tornando mais lenta a conversão do AC em dinheiro, o que poderá trazer problemas de ordem financeira para a empresa a curto prazo” (MARION, 2012, p. 77).

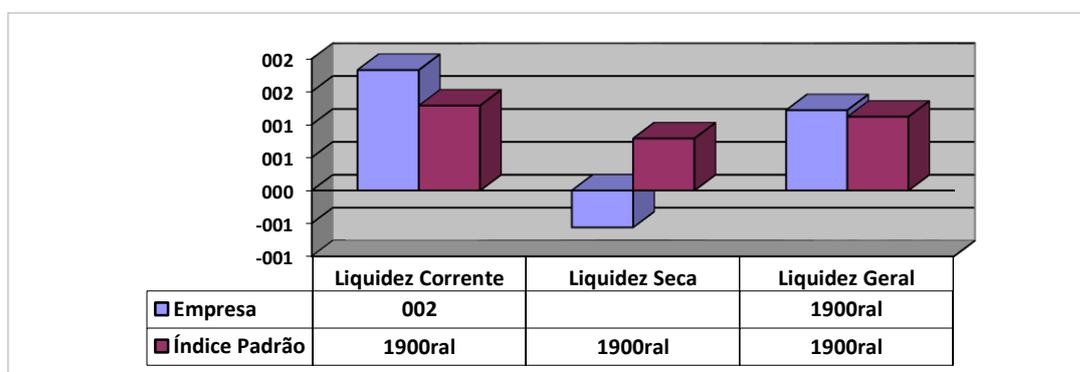
No ano de 2011 todos os saldos de Liquidez Seca apresentaram saldos negativos, sendo o 2º trimestre o que apresentou o maior nível de estoque representando o menor nível de Liquidez Seca. Neste mesmo período, os dados revelaram Liquidez Corrente 2,71 e

considerando a Liquidez Seca de -1,09 pode-se deduzir que apesar dos saldos positivos em Liquidez Corrente, toda a disponibilidade da empresa está concentrada no estoque da loja, já que não há clientes a receber a longo prazo. Ainda de acordo com os dados apresentados, pode-se concluir que neste período houve um grande volume de compras e que as vendas não foram satisfatórias.

Conforme afirma Gitman (2004), a liquidez reflete um dos dilemas do administrador, já que é preciso verificar se o excesso de dinheiro em caixa não significa má administração, tendo em vista que este poderia ser investido e lhe render bem mais. Os indicadores apresentados revelam dificuldades financeiras. Há que se observar também que a empresa possui valores a receber que se estará disponível a curto prazo, o que pode sanar alguns problemas financeiros.

Para melhor conceituar os índices apresentados e diagnosticá-los, é necessário compará-los com índices do mesmo ramo de atividade (índice-padrão), conforme bem assegura Marion (2012). O conceito dos índices de liquidez em relação a mediana do setor é apurado comparando o resultado da empresa com o resultado do setor e os dados utilizados para tal comparação refere-se ao ano calendário 2011. A tabela de índice-padrão utilizada foi extraída a partir de estudos de Jose Carlos Marion (2012, p.152) e representa indicadores aproximados. No gráfico abaixo consta a mediana apresentado pelo setor de confecções e o índice apresentado pela empresa em 31/12/2011. A mediana representa resultado razoável e/ou satisfatório, dependendo da posição em que a empresa se encontra.

**Gráfico 4 – Comparação com Índice-Padrão**



De acordo com os dados acima, a empresa apresenta resultado satisfatório quanto a

**Revista de Administração Dom Alberto, v. 2, n. 2, dez. 2015**

Liquidez Corrente e Geral. A Liquidez Corrente apresentou índice considerado bom/ótimo (1,83) em relação ao índice padrão que é de 1,70. Já a Liquidez Geral também apresentou índice satisfatório sendo de 1,22, acima do índice padrão que representa seu melhor resultado em 1,20. A liquidez seca foi o pior resultado da empresa ficando abaixo do nível apresentado pelo padrão, sendo este considerado ruim ou péssimo.

De acordo com dados apresentados pela revista Exame Melhores e Maiores edição 2012, que citou a empresa Lojas Renner S.A. como a melhor do setor de varejo e uma das 500 maiores, a mesma apresentou em 2011, Liquidez Geral de 1,22 e Liquidez Corrente de 1,50. Apesar de haver uma disparidade em relação porte da empresa e sua ampla abrangência no Brasil é possível notar que os índices apresentado pela empresa em análise está acima (1,83) do que foi apresentado pelas Lojas Renner S.A. Com isso, conclui-se que a grande discrepância da empresa está no alto nível de estoques que podem trazer desequilíbrios financeiros, haja vista que a rotação dos mesmos no período analisado é muito pequena.

#### **4.2 Indicadores de endividamento**

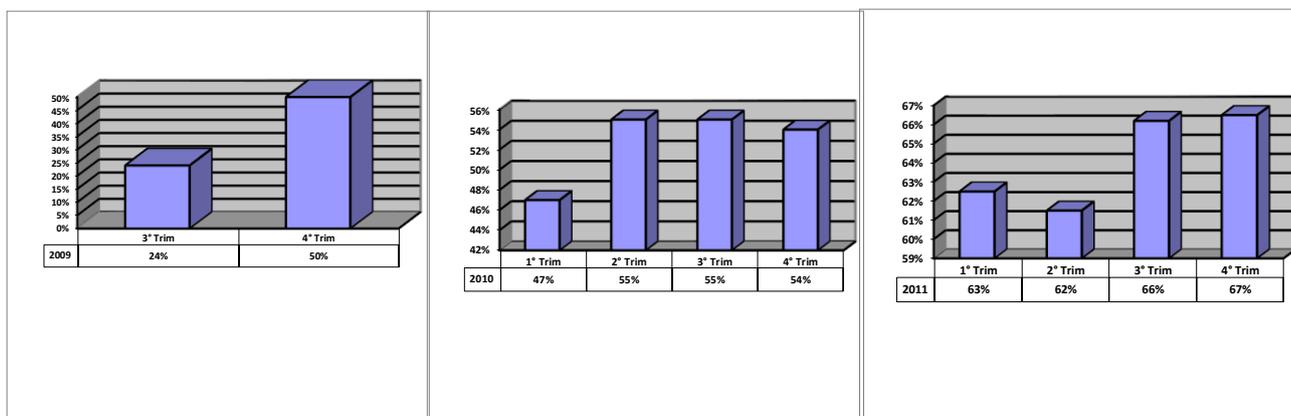
Os índices de endividamento partem da premissa de que quanto menor melhor para a empresa. O índice de Endividamento Geral é um bom indicador de risco do negócio, já que representa a quantidade de recursos de terceiros empregados na empresa (EXAME, 2011).

No período analisado, foi possível observar um crescimento do endividamento da empresa ao longo dos trimestres. A relação do 3º e 4º semestre de 2009 foi o período que houve o maior crescimento, porém a menores taxas em relação a outros anos. Isso se deve ao fato do grande volume de mercadorias adquiridas nesse período, gerando muitas dívidas a curto prazo. A taxa de 50% é um resultado favorável a empresa, o que significa que metade do ativo é custeado com capital de terceiros e a outra metade com capital próprio.

O ano de 2010 os números permaneceram estáveis, sendo o primeiro trimestre o que representou a menor e melhor taxa do período. No entanto, os outros trimestres tiveram índices em torno de 50%, resultado razoável para Endividamento Geral já que representa que a empresa não está dependente do capital de terceiros, conforme mostra o gráfico 5:

*Gráfico 5 – Endividamento Geral 2009/2010/2011*

**Revista de Administração Dom Alberto, v. 2, n. 2, dez. 2015**



Esse índice calcula o endividamento da empresa a curto e longo prazo. O grau de endividamento da empresa não pode ser muito alto para não comprometer a capacidade financeira da empresa. No entanto, a utilização de capital de terceiros pode ser benéfica para empresa quando esta proporciona uma alavancagem financeira (GITMAN, 2004). Por isso a qualidade do endividamento é essencial.

Em 2011 a taxa Geral de Endividamento cresceu 10% em relação ao ano de 2010. Isso significa que em dezembro de 2011 do total de recursos utilizados pela empresa, 66,50% dos recursos originaram-se de capitais de terceiros enquanto 33,50% é financiado com recursos próprios. Na comparação dos trimestres de 2011, verifica-se que os dois primeiros trimestres tiveram taxas menores e isso se deve ao fato de que, mesmo adquirindo empréstimos a longo prazo para saldar dívidas a curto prazo, as obrigações com fornecedores voltaram a crescer no segundo semestre.

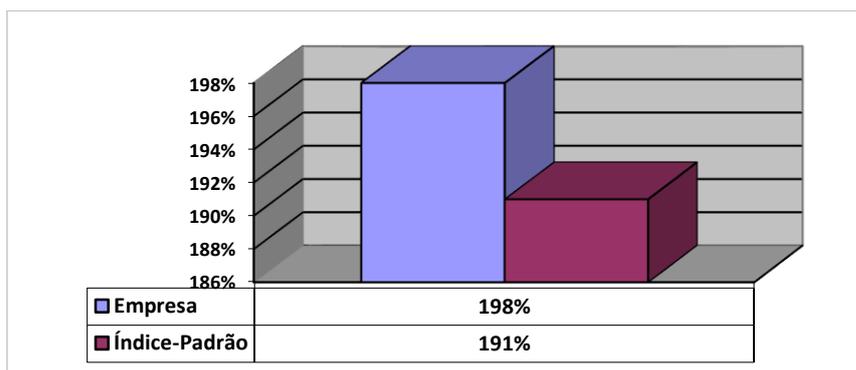
A qualidade do endividamento também é muito importante e para tanto, calcula-se qual a composição do endividamento, ou seja, se este endividamento é formado em sua maioria por dívidas a curto prazo ou a longo prazo. A concentração de empréstimos e dívidas a curto prazo implica dizer que empresa pode passar por dificuldades financeiras em determinados momentos e ter que dispor de seu estoque com liquidações mal planejadas ou ainda ter obter outras dívidas para saldar dívidas anteriores.

O conceito dos índices de endividamento em relação a mediana do setor medida em dezembro de 2011, é razoável, já que a mediana para a participação do capital de terceiros em relação ao patrimônio líquido é de 191%, sendo considerado deficiente qualquer valor

igual ou acima de 224%. A empresa apresentou em 2011, saldo de 198,6%, sendo este resultado razoável para o setor.

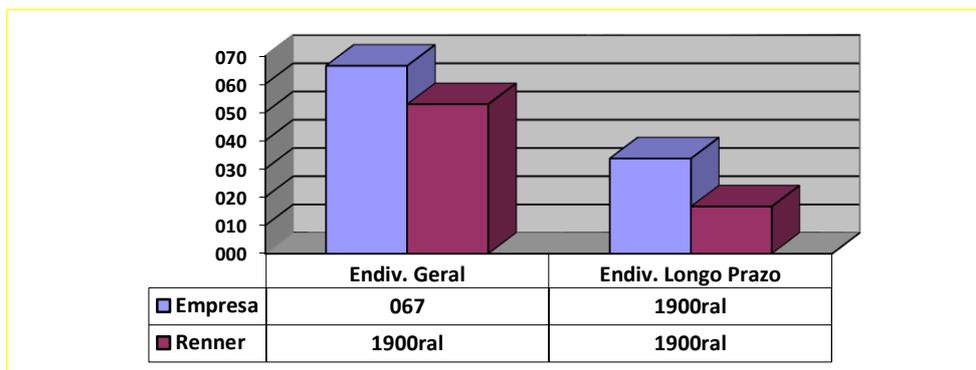
**Gráfico 6 – Comparativo com Índice-Padrão**

**Participação no Capital de Terceiros**



Os resultados apresentados na comparação com a média do setor revela que a empresa se organizar para trazer seus resultados para números próximos ou melhores que a mediana. Já em comparação com a Lojas Renner S.A., a mesma apresentou endividamento geral 52,9% e endividamento a longo prazo de 16,7%.

**Gráfico7 – Comparação de Endividamento Geral e a Longo Prazo**



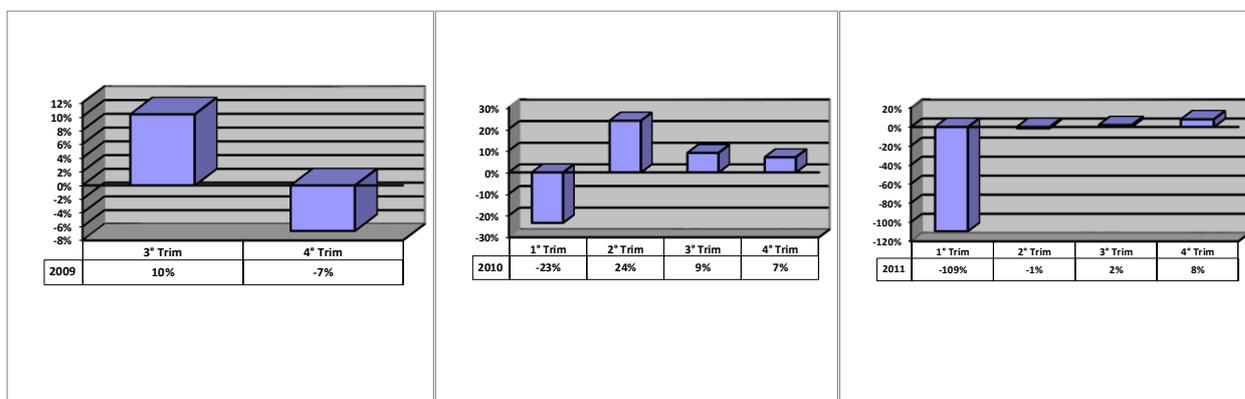
Neste caso, os dados apresentados pela empresa estão muito acima dos valores apresentados pelas Lojas Renner S.A. É fato, que os dados, de endividamento demonstrados pelas Lojas Renner mostra sua situação financeira favorável em relação a própria mediana do setor. Há que se considerar também, que a comparação com uma empresa de capital aberto não condiz com a realidade com uma micro-empresa que não tem a mesma movimentação de recursos.

#### 4.3 Indicadores de rentabilidade

Os indicadores de rentabilidade apreciam os aspectos econômicos da empresa, ou seja, o êxito econômico obtido. Eles medem o quanto uma empresa está sendo lucrativa ou não e para tanto, o foco da análise está na Demonstração de Resultado do Exercício, já que o lucro é o elemento propulsor da empresa. Esses indicadores partem de premissa de quanto maior, melhor.

Quanto à rentabilidade da empresa, a taxa que mede o retorno sobre o patrimônio líquido da empresa do ponto de vista do proprietário fechou 2009 com saldo negativo (-6,6%). Isso implica dizer que a proprietária não está tendo retorno do capital que investido. Em relação ao retorno sobre patrimônio líquido no ano de 2010, o primeiro trimestre revelou o pior período do ano, obtendo no segundo trimestre seu melhor resultado, com taxa de retorno sobre o capital próprio em 23,9%.

**Gráfico 8 – Taxa de Retorno s/ Patrimônio Líquido**



No entanto, não houve estabilidade entre os períodos analisados. Se a taxa de retorno se mantivesse estável na média de 20% como o alcançado no segundo trimestre, seria possível deduzir que os investimentos da proprietária seriam recuperados a partir do quinto ano de atuação.

Em 2011, o primeiro trimestre do ano também revelou o pior resultado do ano e também dos períodos anteriores analisados. O terceiro e quarto trimestre de 2011 apresentaram resultados favoráveis sendo retorno 2% e 8% respectivamente.

Com os resultados apresentados em 2011 verificou-se que a situação da empresa não é apropriada, haja vista que o resultado apresentado demonstra que a empresa vem tendo constantes prejuízos.

O primeiro trimestre de todos os anos analisados (2009, 2010 e 2011) possuem a pior taxa do referido ano. A taxa de retorno sobre investimento é calculada, dividindo a lucro líquido pelo ativo total, isso implica dizer que os primeiros meses dos anos é pior período para empresa, já que apresenta apenas prejuízos. Tal fato revela uma sazonalidade da empresa, sendo o período mais crítico em relação a situação econômica.

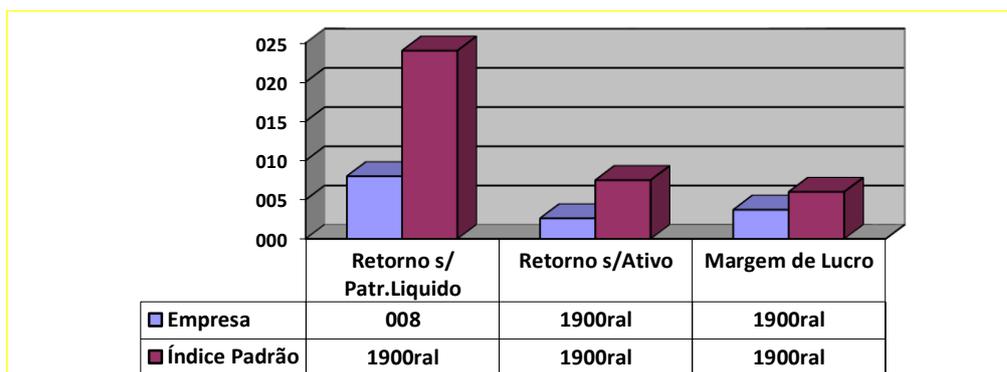
Em relação a margem de lucro líquido, que relaciona quantos centavos se ganha para cada real vendido, os resultados apresentados também são desfavoráveis.

Comparando-se os resultados encontrados com a mediana do setor, os percentuais apresentados só confirmam o que foi observado nas análises trimestrais, ou seja, resultados insatisfatórios, revelando que a empresa vem operando com consecutivos prejuízos,

conforme revelado no gráfico abaixo.

**Figura 9 – Comparativo com Índice-Padrão**

*Taxa de Retorno sobre Patrimônio Líquido, Investimento (TRI) e Margem de Lucro*



Os resultados apresentados não são favoráveis para a empresa, ficando muito abaixo da mediana considerada insatisfatória para o setor. Os consecutivos prejuízos, apresentados leva a repensar a atuação da empresa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um estudo de caso dos dados financeiros em uma micro empresa é importante para elucidar os conceitos sobre a análise financeira tendo em vista que o uso destas ferramentas proporciona uma nova visão sobre os empreendimentos e além de ser utilizado como instrumento para o processo de tomada de decisões.

O estudo prático do período de 2009 a 2011, permitiu conhecer a aplicação das técnicas de análise financeira podendo com isso visualizar a situação financeira por meio dos índices liquidez, a situação econômica por meio dos índices de rentabilidade e a estrutura de capital representado pelo índice de endividamento. Pode-se concluir que em relação à liquidez não há estabilidade entre os períodos, não sendo possível dizer com precisão quais as sazonalidades da empresa haja vista que não há um único período ruim ou bom na totalidade dos períodos analisados. No entanto, esse índice apresenta como ponto crítico a conta estoque, revelando a alta dependência desta conta na análise da liquidez seca. Em relação ao endividamento, o terceiro e quarto trimestres dos anos analisados apresentados os

piores resultados. No que tange a rentabilidade foi possível verificar, que em todas as análises, prevaleceu o primeiro trimestre como os piores índices.

De acordo com os dados analisados, conclui-se que, para que haja uma melhora na liquidez é preciso que a empresa concentre esforços na conta estoques, buscando o aumento de sua rotação e redução do mesmo, sem comprometer sua atuação. Encontrar um nível ideal de estoques é o grande desafio, já que por se tratar de uma loja de confecções/moda a empresa precisa estoques para circular. O gerenciamento dos créditos a receber deve ter uma atenção especial, visando com isso reduzir as perdas pelo não recebimento e aumentar a liquidez da empresa.

Na análise do endividamento foi observado um crescimento do grau de endividamento da empresa ao longo dos anos. Os baixos índices de Liquidez imediata deixaram a empresa sem saldo para quitar suas dívidas tendo que endividar-se para manter as atividades. O gerenciamento dos pagamentos deve ser analisado mediante a observação das fontes de captação de recursos, as quais podem ocorrer por meio de fornecedores, clientes, instituições financeiras e mesmo por meio dos sócios. O ideal é sempre buscar dívidas saudáveis e neste caso vale a negociação de preços e condições de pagamento junto aos fornecedores, bem como a redução de taxas de juros no caso de não pagamento na data estipulada. Nesse sentido, a análise demonstrou que a qualidade da dívida melhorou tendo em vista a aquisição de financiamentos a longo prazo. Embora a tendência seja estabilização desses índices a empresa deve concentrar seus esforços em reduzir estes índices aos padrões do setor.

Em relação a rentabilidade percebeu-se resultados desfavoráveis revelando prejuízos em determinados períodos, tanto sobre a taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido quanto sobre a taxa de retorno do ativo. Apesar de apresentar resultados positivos em determinados períodos não se pode precisar com clareza o tempo de retorno do investimento realizado pelo proprietário, já que não há uma estabilidade entre os períodos. Neste caso, a empresa deve buscar a redução de custos e despesas que vem onerando grande parte de seu lucro.

De acordo com os dados analisados a situação da empresa é de risco, o que requer algumas ações estratégicas para aumentar o fluxo da empresa e obter retorno do investimento, já que boa parte das origens dos recursos estão aplicadas em estoque. Algumas

decisões de gerenciamento financeiro precisam ser adotadas: em relação a conta lucro líquido desfavorável é preciso definir prazos médios de vendas e estabelecer nível ideal de estoques, criar planos de vendas e definir condições de descontos, observando a margem de lucro e as condições de mercado oferecido pelos concorrentes. Com iniciativas para aumento das vendas e a redução do custo, têm-se uma margem de lucro maior e por consequência o gestor poderá escolher entre manter a liquidez ou primar pela rentabilidade investindo em ações mais rentáveis.

Conclui-se, após a análise dos índices de liquidez, rentabilidade e endividamento, que a situação da empresa não é favorável, com alguns pontos críticos que podem levar a falência caso os números revelados pelos indicadores não sejam melhorados. Em relação aos padrões pré estabelecidos, a empresa possui boa Liquidez Geral e Corrente e o grau de Endividamento não é tão alto, porém ela não é rentável. Se um dos objetivos de uma organização é a rentabilidade, a constante presença de indicadores negativos inviabiliza a continuação do empreendimento. Ressalta-se ainda, que a análise financeira não se esgota no tripé básico. Nesse sentido, para estudos futuros, uma pesquisa sobre o alinhamento entre o fluxo de caixa e o giro do estoque poderia auxiliar a empresa a melhorar sua situação financeira.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Lei n.11.638 de 28 de dezembro de 2007**. Altera e revoga a Lei nº. 6.404 de 7 de dezembro de 1976. Presidência da República, Brasília, DF, 28 de dezembro de 2007. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 14/06/2012.

BRASIL. **Medida Provisória n, 449 de 03 de dezembro de 2008**. Presidência da República, Brasília-DF, 03 de dezembro de 2008. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br>, Acesso em 14/06/2012.

CHIAVENATO, I. **Administração Financeira: uma abordagem introdutória**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

DALBELLO, L. **A relevância do uso do fluxo de caixa como ferramenta de gestão financeira para avaliação da liquidez e capacidade de financiamento de empresa**. Santa

**Revista de Administração Dom Alberto, v. 2, n. 2, dez. 2015**

Catarina: Programa de Pós – Graduação em Engenharia de Produção, 1999.

**EXAME**, revista, edição995-B, São Paulo: Ed.Abril, 2011.

**EXAME**, revista, edição 1019, São Paulo: Ed. Abril, 2012.

GITMAN, L. J. **Princípios da Administração Financeira**. 10 ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2004.

IUDÍCIBUS, S. **Curso de contabilidade para não contadores**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARION, J. C. **Contabilidade Empresarial**. 12 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARION, J. C. **Análise das Demonstrações Contábeis: Contabilidade Empresarial**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MASIERO, G. **Administração de empresas: teoria e funções com exercícios e casos**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

MOL, A. L. R; FILHO, G. M. A. **Administração Financeira e Orçamentária**. 1 ed. CAPES: UAB, 2008.

PADOVEZE, C. L. **Manual de Contabilidade Básica: uma introdução à pratica contábil**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

SANVICENTE, A. Z.. **Administração Financeira**. 3ed. 16 reimp. São Paulo: Atlas, 2008.

SILVA, O. F. **Administração Financeira e Orçamentária I**. Ed. UFMT, 2011.

ZUINI, P. **Infográfico:O raio X das pequenas empresas brasileiras**. Disponível em <<http://exame.abril.com.br>. Acesso em 20/10/2012,

*Artigo aceito em novembro/ 2015.*